

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	127
Terceira Parte	223
Agradecimentos	313

Primeira Parte

1

Chamamos-lhes Coelhinhos porque é assim que se tratam entre si. Não estou a brincar. Coelhinhos.

Exemplo:

Olá, Coelhinha!

Olá, Coelhinha!

O que é que fizeste ontem à noite, Coelhinha?

Estive contigo, Coelhinha. Não te lembras, Coelhinha?

Pois foi, Coelhinha, estiveste comigo e diverti-me como nunca me tinha divertido antes.

Coelhinha, adoro-te.

Adoro-te, Coelhinha.

E depois abraçam-se com uma força tal que se diria que o peito lhes vai implodir. Cheguei mesmo a desejar secretamente que isso acontecesse nos momentos em que, sentada, de pé, encostada, no canto oposto do anfiteatro, na sala comum do departamento, no auditório, observava quatro mulheres adultas — minhas colegas de universidade — em afetuoso sufoco mútuo sempre que diziam *olá*. Ou *adeus*. Ou *só porque és mesmo fantástica, Coelhinha*. Com que ferocidade agarravam o corpo rosa e branco umas das outras, esmagando as costelas num pequeno círculo de amor e cumplicidade cujo arrebatamento me deixava pasmada. E depois o toque dos narizes empinados, das penugentas faces cor de pêssego. As têmporas comprimidas de um modo que me fazia acudir à mente a fricção labial dos bonobos ou a telepatia de belas crianças sanguínárias em filmes de terror. Todos os seus oito olhos firmemente cerrados como se aquela asfixia coletiva fosse uma espécie de enlevo religioso. Todas as suas quatro reluzen-

tes bocas a produzirem agudos sons de um monstruoso amor que me feria o rosto.

Adoro-te, Coelhinha.

Passsei o último ano a rezar em silêncio para que se desse a implosão no abraço. Para que o fervoroso aperto dos seus braços lhes fizesse a carne escorrer das mangas, da gola e da bainha dos seus vestidos *evasés* em forma de *cupcake* como *glacé* insípido. Para que se enredassem nos seus cabelos à *A Guerra dos Tronos*, estranguladas pelas primorosas tranças que dedicavam tempos infinitos a enrolar nas suas cabecinhas em forma de coração. Para que as asfixiasse o perfume levemente herbal que usam.

Mas tal nunca aconteceu.

Saíam sempre ilesas e incólumes desses abraços, apesar do fel que me jorrava dos olhos como veneno de um vilão saído de um livro de banda desenhada. A trocarem sorrisos. A fazerem balouçar as mãos dadas. Peles resplandecentes de ternura e sentimento de pertença como se tivessem acabado de ser hidratadas pela mais pura das correntes da montanha.

Coelhinha, adoro-te.

Completamente imunes ao desdém da sua colega de curso. Eu. Samantha Heather Mackey. Que não é uma Coelhinha. Que jamais será uma Coelhinha.

A um canto do relvado coberto por uma tenda, onde estou encostada a uma coluna dórica adornada com tule encapelado, sirvo-nos mais champanhe gratuito, a mim e a Ava. Setembro. Universidade Warren. Cerimónia anual de boas-vindas do departamento de Artes Narrativas, denominada *Cocktail Dinatoire* porque esta instituição de ensino tem demasiados vícios de elitismo e de Nova Inglaterra para chamar festa a uma festa. Veja-se os centros de mesa pejados de lírios tigrinos. Veja-se os véus brancos que, enfeitados com luzes de Natal, pairam em toda a parte como fantasmas. Veja-se as bandejas de peltre repletas de rolinhos de salmão, *crotini* de fígado de pato encimados por pequenas orquídeas polvilhadas de açúcar. Veja-se as pessoas brancas vestidas de preto que discutem as bolsas que lhes foram concedidas para traduzirem poetas franceses que ninguém lê. Veja-se a sumptuosa tenda sob a qual convivem os que têm mais estudos do que precisam, indivíduos versados em todas as artes exceto na da conversação. Sorridentemente alheados do facto de estarem na boca do inferno. Ou no Covil de Cthulhu, como

eu e Ava lhe chamamos. Cthulhu é um colossal monstro cefalópode inventado por um autor de histórias de terror que enlouqueceu e morreu aqui. E sabem que mais? Faz sentido. Porque ao percorrer as ruas para lá da Bolha Warren sente-se que esta cidade tem qualquer coisa de errado. Há uma estranheza nas casas, nas árvores, na luz. Mas se se mencionar o assunto, a maior parte das pessoas limita-se a olhar sem dizer uma palavra. Já Ava, não. Ava diz: *Sim, sem dúvida. A cidade, as casas, as árvores, a luz: tudo aqui é marado.*

Eis-me aqui postada, a alternar o peso entre um e outro pé, saturada de champanhe morno e de fígados de animais e da bebida forte que Ava insiste em entornar do seu cantil que diz *Bebe-Me* para o meu copo de plástico.

— Isso é o quê exatamente? — pergunto.

— Não faças perguntas e bebe — diz ela.

Observo de detrás de óculos de sol emprestados o reencontro das mulheres a quem sou obrigada a chamar colegas depois do penoso verão que passaram em diferentes lugares terríveis como remotas ilhas tropicais, o sul de França ou os Hamptons. Vejo-lhes os pequenos corpos ferventes a precipitarem-se uns contra os outros numa espécie de êxtase. As unhas da cor de venenos naturais a afundarem-se nos seus antebraços com uma força que — insisto em dizer a mim mesma — não pode ser senão fruto de uma afeição fingida. Os reluzentes lábios a abrirem-se para pronunciarem a sua carinhosa alcunha coletiva.

— A sério? Estou a ver o mesmo que tu? — sussurra-me agora Ava ao ouvido. Nunca as tinha visto de perto. Não acreditou em mim quando lhe falei delas no ano passado. Disse-me: *Nenhuma mulher adulta se comporta dessa maneira. É uma impossibilidade. Estás a inventar, Smackie.* Durante o verão, eu própria quase me convenci de que teria sido uma invenção minha. De certo modo, é um alívio para mim vê-las agora, quanto mais não seja para confirmar que não estou louca.

— A sério — digo-lhe. — Estás a ver o mesmo que eu.

Vejo-a perscrutá-las através do véu de rede que lhe pende da testa, os olhos à David Bowie cheios de horror e tédio, a boca uma linha vermelha pouco impressionada.

— Já podemos ir?

— Não posso sair agora — digo, ainda de olhos postos nelas, finalmente descoladas sem um único vinco nos elegantes vestidos, os lustrosos penteados absolutamente intactos, na pele o brilho que só os melho-

res seguros de saúde consentem, enquanto se agacham em simultâneo para arrulharem em uníssonos ao saltitante *Shih Tzu* de um professor.

— *Porquê?*

— Já te disse, tenho de me fazer ver.

Ava observa-me enquanto deslizo ebriamente da coluna em que estou apoiada. Não cumprimentei ninguém. Nada disse aos poetas que juntos formam um atormentado inferno por sondar. Nem aos novos ficcionistas que se riem acanhadamente junto à torre de camarões. Nem mesmo a Benjamin, o simpático organizador a quem normalmente me colo neste tipo de cerimónias, ajudando-o a pôr trémulas colheradas de vísceras de animal em tostas. Nem à coordenadora do *workshop* em que participei na primavera passada, Fosco, nem a qualquer outro elemento do respeitável corpo docente. *O verão foi bom, Sarah? E a tese, avança a bom ritmo, Sasha?*, perguntam-me com educada indiferença, enganando-se sempre no meu nome. Seja qual for a resposta que dê — uma confissão sincera do meu fracasso iminente ou uma mentira descarada que me põe o rosto a arder —, obtenho invariavelmente o mesmo aceno compreensivo, o mesmo sorriso tíbio, uma série de banalidades acerca da natureza esquiva do Processo, do paralelismo entre a Obra e uma amante exigente. *Confiança, Sasha. Paciência, Sarah. Às vezes é preciso um afastamento em relação ao que se fez, Serena. Às vezes, Stephanie, é preciso agarrar o touro pelos cornos.* A isto segue-se o relato pormenorizado de uma idêntica crise/superação criativa por que passaram numa agora defunta residência nos confins da Grécia, da Bretanha, da Estónia. Durante o qual aceno com a cabeça e enterro as unhas na carne dos meus bíceps.

E, obviamente, não falei com o Leão. Apesar de ele cá estar. Algures. Já o vi pelo canto do olho, mais jubado e tatuado do que nunca, a servir-se de um copo de vinho tinto no bar aberto. Embora ele não tenha levantado os olhos, senti que me viu. E depois senti que ele viu que eu o via enquanto continuava a servir-se. Não lhe pus a vista em cima desde então, mas pressenti-lhe a presença nos pelos da nuca. Quando chegámos, Ava intuiu que ele estaria por perto *porque olha, do nada, o céu acabou de escurecer.*

Esta noite, a expressão máxima da minha tentativa de socialização resumiu-se a um meio-sorriso dirigido ao tipo a quem as Coelhinhos chamam Jonah Psicótico, o meu equivalente social entre os poetas, que sozinho junto ao ponche sorri beatificamente, mergulhado no seu sonho febril alimentado a antidepressivos.

Ava suspira e acende um cigarro com uma das muitas velinhas que constelam a nossa mesa. Torna a fixar o olhar nas Coelhinhãs, que agora acariciam com as suas minúsculas mãos os braços umas das outras. «Tive saudades tuas, Coelhinha», dizem entre si na postiça voz de menina que tanto gostam de usar, apesar de estarem à distância do caralho dum braço e de eu lhes sentir o ódio que guardam no coração como ferro na língua.

— Não, *eu* é que tive saudades tuas, Coelhinha. Foi tão difícil passar este verão longe de ti. A tristeza que senti foi tal que praticamente não escrevi. Por favor, nunca mais nos separemos. Combinado?

Ava solta uma risada sonora ao ouvir aquilo. Sem qualquer pejo. Lança a cabeça emplumada para trás. Nem se dá ao trabalho de tapar a boca com a mão enluvada. O som que produz é maravilhosamente rouco. Ressoa no ar como a música que não toca.

— Chiiiiiu — silvo-lhe. Mas já é tarde de mais.

Ao som da risada, aquela a quem chamo Duquesa gira na nossa direção a cabeça com longas madeixas argêntas de bruxa feérica. Crava os olhos em nós. Primeiro em Ava. Depois em mim. A seguir devolve-os a Ava. Estará porventura surpreendida por me ver acompanhada de alguém, por eu ter uma amiga. Ava fixa nela um par de olhos esbugalhados, os mesmos que eu gostaria de ser capaz de lhe dirigir. O olhar de Ava é formidável e há nele qualquer coisa de europeu. Continua a fumar e a beber do meu champanhe sem desviar a atenção da Duquesa. Em tempos falou-me de um duelo de olhares que travou com uma cigana que conheceu no metro de Paris. A mulher olhava insistentemente para ela, e Ava, em resposta, fez o mesmo — as duas apontaram os olhos uma à outra como quem apontasse uma arma enquanto atravessavam a Cidade das Luzes. Limitaram-se a fitar-se mutuamente entre uma e outra extremidade da matraqueante carruagem. Até que, a dada altura, sem desviar a atenção da mulher, Ava tirou os brincos. Porquê? Porque, chegadas àquele ponto, supôs, claro está, que ambas lutariam até à morte. No entanto, quando a composição parou na última paragem da linha, a mulher simplesmente levantou-se para sair, e, depois de o fazer, chegou mesmo a travar as portas da carruagem para, num gesto educado, deixar que Ava saísse primeiro.

Qual a lição a retirar daqui, Smackie?

Não tirar conclusões precipitadas?

Nunca baixar os olhos primeiro.

Ao virar-se para nós, a Duquesa provoca um efeito dominó e arrasta consigo a atenção das outras Coelhinhas. A primeira a girar a cabeça é Cupcake. Seguida de Boneca Sinistra, com os seus olhos de tigre. Depois é a vez de Esboço, em cujo belo rosto que lhe recobre o crânio vitoriano se escancara a boca de ganzada. Olham para Ava, depois para mim, alternadamente, examinando-nos da cabeça aos pés, os seus olhos a absorverem cada pormenor nosso como bocas que sorvessem bebidas estranhas. Enquanto o fazem, contraem-se-lhes os narizes e nenhum dos oito olhos pestaneja. Depois as três que repetiram o gesto da Duquesa voltam-se para ela e aproximam-se, as suas fúlgidas bocas de *gloss* a formarem palavras sussurradas.

Ava aperta-me o braço, com força.

A Duquesa vira-se e arqueia-nos uma sobrancelha. Levanta uma mão. Segurará uma arma invisível? Não. É uma mão vazia que se abre. Com a qual depois acena. Na minha direção. Com uma espécie de sorriso no rosto. *Olá*, diz a boca dela.

A minha mão ergue-se de supetão, espontaneamente, antes de eu ter tempo para a travar. Aceno uma, duas, três, inúmeras vezes. *Olá*, estou a dizer com a boca, apesar de dela não sair nenhum som.

Depois as restantes Coelhinhas levantam a mão e também se põem a acenar.

Estamos todas a acenar umas às outras através do vasto espaço que nos separa entre uma extremidade e outra do relvado coberto por uma tenda.

Todas exceto Ava, que continua a fumar e a olhá-las como quem visse uma criatura de quatro cabeças. Quando finalmente baixo a mão, viro-me para ela. Observa-me como se eu fosse algo ainda pior do que uma estranha.